

IGREJA ORTODOXA GREGA SÃO NICOLAU



Informativo mensal da Comunidade Ortodoxa Grega São Nicolau, de Florianópolis

DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00,
precedida de Ofício de Matinas
(Orthros) às 09h00

EXPEDIENTE

EDITOR

Pe. André Sperandio

WHATSAPP

(48) 9 8456 7000

E-MAIL

info@igrejaonicolau.org

WEB

www.igrejaonicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC
(Brasil)

SACRA ARQUIDIOCESE DE BUENOS AIRES E AMÉRICA DO SUL

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de
Buenos Aires, Primaz e
Exarca da América do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. D. Irineo de Tropaion
S.E.R. D. Meletio de Zela

EDITORIAL

Com alegria, chegamos à segunda edição do *Kaló Mína*, o novo formato do nosso boletim informativo paroquial, agora com periodicidade mensal e o propósito de, a cada início de mês, saudarmos uns aos outros com a tradicional expressão de esperança: ***Kaló Mína!* — Um Bom Mês!**

Queremos expressar nossa profunda gratidão a todos os que nos escreveram com palavras de incentivo e apreço pelo relançamento desta iniciativa, herdeira direta do antigo ***Kalimera***, que por tantos anos acompanhou a vida da nossa comunidade. O carinho recebido nos confirma no propósito de cultivar, com beleza e fidelidade, a memória viva da fé ortodoxa entre nós.

Esta nova edição é também um convite à colaboração: pedimos a todos que nos ajudem com a correção de eventuais imprecisões, bem como com o envio de notas, registros históricos, fotografias, testemunhos, receitas e reflexões, que possam compor as seções já existentes ou inspirar outras novas.

Neste mês de setembro — quando a Igreja inicia um **novo Ano Litúrgico** com a **festa da Natividade da Theotokos** — partilhamos um ***Kaló Mína*** repleto de memória, formação e vida eclesial:

Celebramos aniversários e onomásticos na seção ***“Memória e Comunhão”***, revisitamos a história da **Filóptokos**, pilar de serviço cristão desde 1951, e resgatamos, em ***“Memória Visual”***, registros fotográficos que revelam a integração da colônia helênica à sociedade local. Recordamos também as origens kastellorizianas de nossos fundadores, celebrando o **Dia Nacional do Imigrante Grego**. No âmbito pastoral, partilhamos o **Mnimósino do Pe. Panaghiotis**, novas recepções à Igreja e os ensaios do grupo *Psaltikon*. Apresentamos ainda **orientações sobre o Sinal da Cruz**, aprofundamos o **significado da Divina Liturgia** de São João Crisóstomo e inauguramos o **Glossário Litúrgico**. Quatro novas colunas estreiam este mês: ***“Você sabia?”***, com curiosidades que unem fé, história e cultura; ***“Contos & Narrativas de Kastelórizo”***, que preserva a memória oral da ilha de origem de nossos fundadores; ***“Entrelinhas”***, espaço de reflexão cultural e espiritual assinado por **H. M. Verçosa**; e ***“Mistério Celebrado”***, dedicada à beleza e profundidade da Liturgia Ortodoxa.

Que este humilde esforço de comunicação siga sendo instrumento de comunhão e edificação, fortalecendo os vínculos que nos unem enquanto povo de Deus. Que cada leitor se reconheça parte viva desta história e encontre, em cada página, motivos de gratidão e esperança.

Kaló Mína!
Pe. André – Editor

Entre o Logos e a Philoxenia: tradição que se abre ao mundo.



Memória e Comunhão



Aniversários, onomásticos e datas marcantes que nos unem em oração e alegria.

Registros vivos da nossa comunidade: aniversários, onomásticos e datas marcantes que nos unem em oração e alegria.

“Lembra-Te, Senhor, dos vivos e dos adormecidos, pois todos vivemos para Ti.”

Setembro abre, na Igreja, o **novo Ano Litúrgico**. No Brasil, é também o mês em que floresce a Primavera.

Entre os calendários da terra e do céu, este tempo nos convida a um recomeço sereno, à confiança renovada na graça de Deus que faz todas as coisas novas.

Nesta coluna, registramos os sinais discretos e preciosos da vida em comum: **aniversários, onomásticos**, datas que deixam marcas no coração.

Cada nome aqui lembrado é como uma flor que desabrocha no jardim da comunidade — sinal de vida, beleza e bênção.

A memória é sagrada quando feita em comunhão: alegra-se com os que se alegram, consola os que choram, honra os que partiram, fortalece os vínculos entre os que permanecem.

Que estas comemorações de setembro sejam como ramos floridos, colhidos com gratidão no jardim da Igreja.

Neste mês, recordamos com gratidão:

- Há 35 anos, em 01/09/1990 casamento de Cristina Apóstolo Kosmos com Ricardo Willerding Piazza.
- Há 142 anos, em 21/09/1883: Fundação da Associação Helênica de Santa Catarina.
- Há 29 anos, em 7/9/1996: Falecimento do Sr. George Corfu, irmão de D. Maria Corfu.
- Há 35 anos, em 18/09/1990: Falecimento da Sra. Anastacia Apóstolo Pítsica, mãe dos gêmeos Paschoal e Nicolau A. Pítsica, Savas A. Pítsica e Sra Catarina A Kosmos Comninos.
- Há 28 anos, em 16/9/1997: Falecimento de Sra. Kyrana André Atherino, aos 79 anos, em Florianópolis.
- Há 23 anos, em 21/9/2002: Inauguração de monumento em homenagem à imigração helênica na Praça da República da Grécia, em Florianópolis.

Que a memória dos justos seja eterna.
Χρόνια Πολλά σε όλους!

Errata: Em 30/08/1995 – 30º aniversário do adormecimento em Cristo do Sr. Iconomus Atherino, presidente da AHSC por dez 10 vezes.

Aniversariantes do mês

- 01: Isabela Atherino Neves Fernandes / Máximo (Humberto) Cardoso / Simone Zanella
- 02: Êntoni Eccel Cattoni
- 03: Miguel Diamantaras Gil
- 15: Demósthene Dimatos / Luiz Fernando Gil
- 17: Lucas Santiago Ramos Guimarães / Gio Fabiano Voltolini Júnior
- 19: Maria Eduarda Ribeiro Atherino Neves / Suzane Bonkoski De Souza
- 20: Fabrício Bonotto Mallmann
- 21: Karen Spyrides Boabaid Zupan
- 22: Uidine Carla Cordeiro Foldoy
- 24: Guilherme Müller Schwambach
- 26: Nicolas Karabalis / Bento (Thauan) Romualdo dos Santos



Onomásticos

 **Alguns onomásticos comemorados em Setembro**

- 1: Mariana / Margarida / Simeão
- 5: Elisabete / Isabel / Zacarias
- 7: Cássia / Cassiane
- 8: Maria / Panagioti / Panagiotis / Despina
- 9: Ana / Joaquim
- 14: Stavros / Stavroula
- 17: Sofia
- 20: Eustáquio
- 29: Ciríaco

Χρόνια Πολλά

Neste mês repleto de memórias, elevamos preces por todos os que celebram aniversários e onomásticos. Que sejam sustentados pelo amor divino, cercados pelo carinho da comunidade e guiados pelos seus santos Patronos.

JUL 17 Calendário Litúrgico Ortodoxo

O tempo sagrado da Igreja, mês a mês.

8 DE SETEMBRO: NATIVIDADE DA TEOTOKOS



***Tua Natividade, ó Theotokos,
anunciou alegria a toda a terra habitada;
pois de ti nasceu o Sol da Justiça, Cristo nosso Deus,
o qual, abolindo a maldição, concedeu-nos a bênção;
e, destruindo a morte, deu-nos a vida eterna.***

Apolitíkion da Festa (Modo 4º)

Com esta festa, a Igreja inicia o ciclo das solenidades salvíficas. Celebramos o nascimento da Theotokos, Maria Santíssima, escolhida desde antes dos séculos para ser o receptáculo puro da Encarnação do Verbo de Deus.

Filha dos santos Joaquim e Ana, gerada de maneira milagrosa após longa esterilidade, a Virgem Maria nasce como aurora da nova criação, prefigurando o advento do Messias. Seu nascimento é o sinal de que a antiga maldição — fruto da queda — está sendo desfeita. O mundo, envolto em trevas, começa a ver despontar a verdadeira Luz.

Como canta o tropário acima, Maria é a portadora da bênção e da vida, pois de seu seio nascerá Aquele que abolirá a morte e restaurará a comunhão do homem com Deus.

Esta festa é ocasião propícia para renovar nosso amor à Mãe de Deus, que permanece como protetora vigilante da Igreja e modelo de pureza e obediência à vontade divina. Que o seu nascimento seja também para nós um novo começo: mais humilde, mais orante, mais próximo de Cristo.

***Υπεραγία Θεοτόκε, σῶσον ἡμᾶς!
Santíssima Mãe de Deus, salva-nos!***

JUL 17 Domingos Litúrgicos

- 07 de setembro – Domingo antes da Santa Cruz
- 14 de setembro – Exaltação da Santa e Vivificante Cruz (jejum estrito)
- 21 de setembro – Domingo após a Santa Cruz
- 28 de setembro – 1º Domingo de Lucas

Outras comemorações

- 01/09 – Indikção – Início do Novo Ano Eclesiástico
- 06/09 – Milagre do Arcanjo Miguel em Colossos (Chonae)
- 08/09 – Natividade da Santíssima Theotokos (das Doze Grandes Festas)
- 09/09 – Santos Joaquim e Ana, justos avós do Senhor
- 12/09 – Apódosis (encerramento) da Festa da Natividade
- 14/09 – Exaltação da Santa Cruz (jejum estrito)
- 15 a 21/09 – Semana pós-festa da Cruz (Metheorté)
- 23/09 – Conceção de São João Batista
- 24/09 – Milagre da Theotokos Myrtidiótissa, em Kythera
- 26/09 – Dormição de São João, o Teólogo
- 30/09 – São Gregório, o Iluminador, Bispo da Armênia



Espaço para seu anúncio
Apoie esta iniciativa!

Filóptokos

“Mãos que servem com amor, corações que sustentam a Igreja.”

Filóptokos – Fé, serviço e memória viva

Neste número do **Kaló Mína**, rendemos uma justa homenagem à Associação Beneficente de Senhoras da Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau de Florianópolis, mais conhecida como **Filóptokos**, cuja história se entrelaça com a própria formação da nossa comunidade eclesial.

O Lanche Beneficente São Nicolau teve início em **14 de julho de 1951**, por iniciativa generosa de Dona Kiriaki Nicolau Spyrides, que ofereceu a primeira recepção e lançou, com fé e esperança, um movimento de solidariedade que atravessaria décadas. Naquela ocasião, foi constituída a primeira diretoria, formada por Katina Kotzias, Kirana Lucas e Despina S. Boabaid, cujos nomes lembramos com reverência.



De pé: Eldegundes, Kyrana Lacerda, Eudóquia Schmidt, Maria Kotzias, Parasquovi, Déspina S. Boabaid, Vilma Cardoso, Lourdes Apóstolo e Katina Kotzias. **Sentadas:** Maria Luiza Athanásio, Kety Merlin, Anastácia Pítsica, Cristina Kosmos, Flora Diamantaras, Déspina Borba, Cirçaína Bernardini. **1ª fila:** Vera Pítsica, Zilda Goulart, Isodia Szpoganicz, Catarina Kosmos, Sebastião Dimatos e Zoé Athanásio.

A princípio, o grupo era composto exclusivamente por senhoras ortodoxas e por pessoas que falavam a língua grega. As reuniões aconteciam nas tardes de terça-feira, em sistema rotativo nas casas das associadas. A convivência fraterna logo se transformou em ação beneficente estruturada, fazendo do Lanche não apenas um espaço de encontro, mas uma verdadeira força de sustentação moral, espiritual e material da Igreja de São Nicolau.

Não é exagero afirmar que o Lanche São Nicolau se tornou um dos principais sustentáculos da Colônia Grega de Florianópolis, graças à sua constante e generosa contribuição filantrópica. Sua história está cuidadosamente registrada na primorosa obra do saudoso Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica, **Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis**, nas páginas 171-172 da edição publicada em 2003.

Atualmente, essa tradição de serviço e dedicação continua viva. As Senhoras do Lanche São Nicolau seguem ativas, hoje sob a coordenação zelosa de D. Pepa (Archonti) A.

Diamantaras, D. Marlene Mansur e Renata Diamantara Atanasio Gil, que com alegria e firmeza conduzem as iniciativas sociais e filantrópicas do Grupo.

Com esta homenagem – acompanhada por algumas fotos históricas – expressamos nossa sincera gratidão a todas as que fizeram e continuam fazendo parte desta luminosa história de amor cristão em ação.



Lanche na casa de Déspina S. Boabaid.

À frente: Maria de Lurdes Apóstolo, Déspina S. Boabaid, Lylian e o filho Leonardo, Sebastião Dimatos, Maria Emília Kristakis e Terezinha. **2ª fila:** Cristina Kosmos Comninou, Helma Mussi, Catina Kotzias, Isodia Szpoganicz, Eudóquia Atherino Schmidt e Magda Kaili Santos. **3ª fila:** Anastácia Nicolacópulos, Zilda Goulart, Elda Damiani, Ketti Merlin, Vilma Cardoso, Helena Ferrari, Maria Kotzias, Anastácia Pítsica, Anita Cintra e Nair Carone.

Αἰωνία ἡ μνήμη às que já adormeceram no Senhor. E **muitos e bons anos** às que seguem servindo com alegria e fé!



Será bem-vinda toda a contribuição para legendar estas fotos.

Filóptokos



“Mãos que servem com amor, corações que sustentam a Igreja.”

Filóptokos – Fé, serviço e memória viva



Lanche São Nicolau

Na terça-feira, 5 de agosto de 2025, aconteceu mais um memorável encontro do grupo das **Senhoras do Lanche São Nicolau**, desta vez generosamente oferecido por D. Pepa. A tarde reuniu mais de cinquenta participantes no salão de festas do Edifício Celso Ramô, na Rua Padre Clemente, 63 — residência de nossa querida Flora.

A mesa, farta e colorida, trouxe sabores da tradição helênica, doces e salgados, e foi cenário de um fraterno convívio entre amigas. Que a amizade e o espírito de comunhão que ali floresceram continuem a iluminar os encontros deste grupo.





Memória visual



Resgatando memórias, fortalecendo laços.

A vida da nossa comunidade é feita de rostos, encontros, festas, celebrações e momentos que marcaram gerações. Sabemos que muitos desses instantes preciosos foram registrados em fotografias, guardadas com carinho por nossas famílias — algumas já amareladas pelo tempo, mas repletas de significado.

Convidamos todos a nos ajudar a compor o acervo visual de memória da Comunidade Ortodoxa Helênica de São Nicolau.

Para isso, estamos reunindo fotos antigas da Igreja, dos eventos comunitários, das famílias e pessoas que ajudaram a construir nossa história.



Envie sua foto (digitalizada ou em boa resolução) para: info@igrejasãonicolau.org - ou entregue pessoalmente ao final da Liturgia. Junto com a imagem, se possível, identifique as pessoas, o local e a data aproximada. As fotos selecionadas serão publicadas gradualmente no Kalo Mina com legendas, e farão parte de nosso acervo de *Memória Paroquial*. Vamos juntos dar rosto e cor à nossa história comum!



Esses preciosos registros, ainda do acervo de D. Ana Kotzias, retratam momentos de fé, convívio e identidade helênico-ortodoxa vividos em nossa comunidade.



Registro histórico na Colônia Grega de Florianópolis

Em momento de confraternização cívica, realizado na residência de João Kotzias, vemos em pé: João Kotzias, Ana Kotzias, Catina Kotzias, Estefano Kotzias, Evangelia Kotzias e Ana Stavianou.

Sentados: Miguel Mandalis (E), o então Governador Jorge Lacerda, o menino Demétrio, um assessor do governador, o menino Estefano Kotzias e Miguel Atherino. A ocasião reuniu autoridades e membros da comunidade helênica, revelando os laços de amizade e estima entre os líderes catarinenses e os gregos de Florianópolis.



Convivência e liderança: personalidades da colônia helênica e da política catarinense

Reunião solene que contou com a presença do então Governador Jorge Lacerda, ao lado do ex-governador José Boabaid, do médico Antônio Dib Mussi, e de destacadas figuras da comunidade grega de Florianópolis: Nicolau Savas, Estefano Kotzias, Estefano Lambros, Lázaro Bartolomeu, João Kotzias, Walter Bernardini, Jean Jordanou, Anastácio Kotzias, Syriaco Atherino, Apóstolo Paschoal Pítsica e o vereador Dib Cherem.

De pé, no canto direito da imagem, aparecem Jorge Anastácio Kotzias e Nicolau Apóstolo Pítsica.

A cena retrata não apenas um banquete festivo, mas um momento emblemático de integração entre a colônia grega e os dirigentes públicos do Estado.



Homenagem a D. Kyrana Lacerda — Mãe do Ano

Na imagem, D. Kyrana aparece ladeada por suas filhas Cristina e Zoé, acompanhada dos genros e netos, por ocasião da homenagem recebida no Clube Doze de Agosto, em 1994, quando lhe foi concedido o título de Mãe do Ano.



Miguel Savas — Discursando na Colônia Grega

Na imagem, Miguel Savas, filho único do Capitão Savas, profere discurso durante encontro solene na Colônia Grega, tendo ao fundo as bandeiras do Brasil e da Grécia — sinal da integração e respeito mútuo entre os povos. À mesa, estão presentes: Teodoro Nicolacópulos (E), Teodoro Constantópulos, Miguel Kotzias, Miguel Savas, Icônomos Atherino (presidente da comunidade), Emílio Jannis, Pantaleão Athanázio e Jean Jordanou.



Fonte: “Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis” — Paschoal Apóstolo Pítsica.

Associação Helênica de Santa Catarina

Kastellorizo

Entre as ilhas gregas que se espalham como joias pelo azul do Mediterrâneo, há uma, pequena em extensão, mas imensa em história e significado para a nossa comunidade: Kastellorizo.

Situada no extremo sudeste do arquipélago do Dodecaneso, próxima à costa da Anatólia, Kastellorizo é uma sentinela que, ao longo de milênios, testemunhou passagens de povos e impérios, guerras e reconciliações, prosperidade e sofrimento. Seu nome evoca a fortaleza medieval — o “Castelo Vermelho” — que ainda se ergue sobre o porto, lembrando séculos de resistência e resiliência.

Foi desta ilha que partiram, no início do século XX, alguns dos primeiros gregos que aportaram em Florianópolis. Com coragem e espírito empreendedor, fundaram as bases da Associação Helênica de Santa Catarina e, junto com outras famílias oriundas de diferentes regiões da Grécia, deram vida à nossa Paróquia Ortodoxa Grega de São Nicolau.



A história de Kastellorizo é a nossa própria história. Carrega em si a experiência da diáspora, a fidelidade à fé ortodoxa, o amor pela pátria e a capacidade de se reinventar em terras distantes. É uma narrativa que atravessa gerações e oceanos, chegando até nós como herança viva.

A partir da próxima edição, publicaremos uma linha do tempo comentada desta ilha, revelando sua trajetória milenar: desde as civilizações minoanas e micênicas, passando por bizantinos, cavaleiros, venezianos e otomanos, até a integração à Grécia moderna.

Você sabia?

- **Nome:** vem de *Castello Rosso* (“Castelo Vermelho”), referência à fortaleza medieval no porto.
- **Tamanho:** é a menor ilha habitada do Dodecaneso, com cerca de 9 km².
- **Localização:** fica a menos de 3 km da costa da Turquia.
- História milenar: já foi habitada por minoanos, micênicos, gregos dórios, persas, romanos,

- bizantinos, cavaleiros, venezianos e otomanos.
- **População:** chegou a ter cerca de 10 mil habitantes no início do século XX; hoje, pouco mais de 500.
- **Diáspora:** há mais descendentes de kastellorizianos na Austrália, Brasil e EUA do que na própria ilha.
- **Tradição ortodoxa:** mesmo sob domínios estrangeiros, manteve viva a fé e o calendário litúrgico bizantino.



21 de setembro – Dia Nacional do Imigrante Grego

Celebramos, neste 21 de setembro, o **Dia Nacional do Imigrante Grego**, data oficialmente reconhecida pela legislação brasileira, conforme a **Lei nº 14.884/24**, sancionada em **junho de 2024**. A comemoração anual recorda a chegada dos primeiros imigrantes gregos ao Brasil, quando, em 1883, o veleiro *Lefki Peristerá* aportou no então Porto do Desterro, atual Florianópolis.

Este dia, que marca também a **fundação da nossa Coletividade Helênica**, tornou-se agora ocasião oficial de memória e gratidão pela contribuição grega à formação cultural, social e econômica do país. É momento de reviver os valores que nossos antepassados trouxeram consigo — a coragem, a fé, a generosidade e o amor à liberdade — e que continuam a inspirar a vida de seus descendentes e de todos os filohelenos.

Χρόνια Πολλά!

A todos os helênicos de Florianópolis, berço da imigração grega no Brasil, nossa saudação fraterna e o convite à celebração deste legado vivo.

Associação Helênica de Santa Catarina



A Igreja São Nicolau e nossa Comunidade Ortodoxa são frutos do amor e sacrifício de gerações. Hoje é a nossa vez de cuidar desse tesouro espiritual e cultural.

Se ainda não é membro benemérito da Associação Helênica de Santa Catarina, faça parte desta missão.

Aponte a câmera de seu celular para o QR Code e vá ao formulário no site.



Ou use este link:

<https://igrejaonicolau.org/ahsc/associe-se/>



Novos associados

Com alegria, saudamos os novos inscritos no último mês, que serão oportunamente apresentados para se tornarem membros efetivos da AHSC:

- Maykon Theodoro
- ””

Assembleia Geral da AHSC – Eleição de Nova Diretoria

No domingo, 21 de setembro de 2025, a Associação Helênica de Santa Catarina (AHSC) realizará sua Assembleia Geral para eleição da nova diretoria que conduzirá a entidade no biênio setembro/2025 a setembro/2027.

A reunião será realizada após a Divina Liturgia, no salão comunitário da Igreja São Nicolau. A posse da nova diretoria ocorrerá no domingo seguinte, também após a celebração da Divina Liturgia.

Associação Helênica e nossa Juventude são representadas no PANIGHIRI - 2025

Entre os dias 29 e 31 de agosto, Brasília sediou o II Encontro das Juventudes Helênicas da América do Sul, realizado em sinergia com o PANIGHIRI 2025 (29–30/8). As atividades aconteceram na Igreja Ortodoxa Grega da Anunciação da Theotokos e na sede da Comunidade Grega, reunindo expressiva participação de jovens e uma rica programação cultural.

Na sexta-feira, o Embaixador da República de Chipre no Brasil, Dr. Vasilios Philippou, ofereceu um almoço de boas-vindas a Dom Iosif, acompanhado de seus bispos auxiliares, bem como do **casal Andréas e Júlia Kalabaris, representando a Associação Helênica de Santa Catarina**; de Atanásia Kotzias e sua filha Helena Kotzias, representando a Associação Helênica do Paraná ...

(segue na próxima página)

Associação Helênica de Santa Catarina

...

e da senhora Eleni Papayianni, Cônsul responsável pela Seção Consular da Embaixada da Grécia em Brasília.

No sábado, 30 de agosto, ao final do Ofício de Vésperas, Sua Eminência Dom Iosif presidiu o Ofício de Rasoforia (tonsura monástica), no qual o jovem Serafim tonsurado monge. No domingo, 31 de agosto, celebrou-se a Divina Liturgia Hierárquica, presidida por Dom Iosif, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e da América do Sul, assistido por seus bispos auxiliares, Dom Irineo de Tropaion e Dom Meletios de Zela, juntamente com o clero presente. Durante a celebração, o recém-tonsurado monge Serafim foi ordenado diácono, recebendo o novo nome de Athenágoras.

Ao final da Liturgia, Dom Iosif concedeu a Comenda da Ordem de São Miguel Arcanjo a Sua Excelência o Embaixador da Grécia, Dr. Ioannes Tzovas, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à Arquidiocese.

O evento contou com a presença de diversas autoridades eclesiais e diplomáticas.

A juventude de nossa Paróquia São Nicolau de Florianópolis foi dignamente representada pelo jovem **Josef Konrad**, que participou ativamente do encontro e das celebrações, unindo-se a outros jovens ortodoxos de todo o continente.



(segue na próxima página)

Associação Helênica de Santa Catarina





✧ Recepção na Comunhão da Igreja ✧

No domingo, 3 de agosto de 2025, durante a Divina Liturgia, foi recebido na comunhão plena da Igreja, por meio do santo sacramento da Unção Crismal, o jovem Pedro Lobo, de Joinville.

Após a celebração, os jovens da comunidade reuniram-se no salão paroquial para um ágape fraterno, vivido como preparação espiritual para o jejum da Dormição da Theotokos, iniciado em 1º de agosto.

Em meio à convivência e partilha, os jovens deram calorosas boas-vindas ao novo irmão na fé, celebrando com alegria sua inserção na vida da Igreja.



✧ Em Memória do Pe. Panaghiotis ✧

Mnimósino no primeiro aniversário de sua Páscoa para o Senhor

Ao término da Divina Liturgia, foi celebrado o Ofício Memorial (Mnimósino) por ocasião do primeiro aniversário da Páscoa para o Senhor de nosso saudoso Pe. Panaghiotis Meintanis, adormecido em Cristo no dia 3 de agosto de 2024.

Estiveram presentes sua viúva, D. Stella, seus filhos, Constantino e Spyridoula, entre outros familiares e fiéis que partilharam esse momento de piedosa lembrança e oração.

Durante o ofício, o jovem Dionysios, membro da comunidade, entoou com emoção o Apolitícion de São Dionísios de Zákynthos, em homenagem à profunda devoção que Pe. Panaghiotis nutria pelo santo taumaturgo das Ilhas Jônicas.

Uma relíquia de São Dionísios, doada pelo próprio Pe. Panaghiotis à Igreja de São João, o Teólogo, em São José, foi exposta para veneração durante a Liturgia e o Mnimósino, unindo a memória do sacerdote à presença viva do santo de sua devoção.

Programa de Formação da Arquidiocese

Desde 2021, nossa Sacra Arquidiocese, por meio de sua Equipe Arquidiocesana de Formação, vem desenvolvendo um Programa de Formação, fruto de uma visão pastoral que busca transmitir, de maneira orgânica e fiel, a riqueza da fé e da Tradição da Igreja Ortodoxa.

Inicialmente aberto a todos os fiéis, o programa passou a priorizar a formação de catequistas, capacitando-os para servir nas paróquias e comunidades da Arquidiocese, assegurando assim a continuidade e a integridade de nossa herança espiritual.

Em 2024, ao atingir sua 4ª fase, o programa foi reestruturado em duas áreas complementares, com o objetivo de ampliar seu alcance:

- **Ciclo Básico Catequético:** encontros virtuais mensais com temas introdutórios sobre a fé ortodoxa, abertos a todos os que querem aprofundar sua compreensão da Igreja.
- **Ciclo Específico para Clérigos e Candidatos:** formação direcionada à teologia, vida pastoral e missão, voltada ao clero e aos que se preparam para as ordens sacras.

Os resultados têm sido promissores, com participação significativa de nossas paróquias em Santa Catarina, representadas por diversos membros da comunidade, incluindo catequistas, jovens, lideranças e vocacionados. Essa presença fiel e crescente expressa o desejo de nossa gente de conhecer, viver e testemunhar com profundidade a fé ortodoxa.

O programa está em sua 5ª fase (2025), consolidando-se como alicerce formativo da vida arquidiocesana, preparando servidores comprometidos com o ensino, a prática e a transmissão da fé no mundo contemporâneo.

Exposições programadas para setembro:

- ✦ 11/09 – **Introdução aos Atos dos Apóstolos** (Ciclo Específico para Clérigos e Candidatos)
- ✦ 25/09 – **O Ano Litúrgico:** visão teológica e prática dos ciclos variáveis e fixos (Ciclo Básico Catequético).

Festa da Transfiguração e “Dia dos Pais” em nossa Paróquia



Neste domingo, 10 de agosto, nossa Paróquia de São Nicolau celebrou com alegria e solenidade a Festa da Transfiguração do Senhor. Os serviços litúrgicos tiveram início às 8h30, com as orações de preparação, prosseguindo às 9h00 com o Ofício de Matinas (Orthros).



Às 10h00, com a entoação solene da Doxologia, iniciou-se a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, presidida pelo Pe. André. Ao final, foi elevada uma súplica especial por todos os pais de nossa comunidade — presentes e ausentes, vivos e falecidos —, pedindo que o Senhor os guarde, ilumine e fortaleça em sua missão.

A expressiva participação dos fiéis, em grande parte composta por jovens, conferiu à celebração um clima de viva comunhão e profunda espiritualidade, tornando esta festa um momento marcante em nossa vida paroquial.





Ensaio do Psaltikon e encontro fraterno

No sábado, 16 de agosto de 2025, o grupo de cantos de nossa comunidade, **Psaltikon**, reuniu-se na Igreja de São Nicolau para o ensaio da Divina Liturgia da Festa da Dormição da Theotokos, a ser celebrada no domingo, 17. Durante o encontro, foram especialmente repassados os tropários da festa e os hinos próprios do dia, em preparação à solene celebração. Após o ensaio, os jovens se dirigiram à casa paroquial, onde partilharam de um ágape fraterno, fortalecendo os laços de comunhão e amizade que sustentam a vida de nossa comunidade.



Festa da Dormição da Theotokos

No domingo, 17 de agosto, nossa comunidade reuniu-se para celebrar a solene Festa da **Dormição da Santíssima Theotokos**. Os serviços litúrgicos tiveram início às 9h, com o Ofício de Matinas (Orthros), seguido da Divina Liturgia de São João Crisóstomo, às 10h. A expressiva participação dos fiéis, em sua maioria jovens, deu especial brilho a esta celebração, marcada pela alegria espiritual e pela esperança na Ressurreição.

Na homilia, Pe. André destacou que, na tradição bizantina, esta é a última grande festa mariana do ano litúrgico, encerrando o ciclo anual com o repouso e glorificação da Theotokos, a Mãe da Vida. A Igreja contempla nela não apenas o fim terreno de sua existência, mas a certeza de que “Deus a elevou acima dos coros angélicos”, tornando-a intercessora constante por toda a humanidade.



Paraklesis a Santa Catarina de Alexandria

No último dia 25 de agosto, segunda-feira, iniciamos a celebração do Paraklesis a Santa Catarina de Alexandria na capela do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, onde se veneram parte das relíquias de nossa Santa Padroeira.

Nosso propósito é nos reunirmos mensalmente, a cada dia 25, para a realização deste piedoso ofício em honra de Santa Patrona, buscando sua intercessão e proteção.

Neste primeiro encontro, alguns jovens de nossa comunidade estiveram presentes, acompanhando o Pe. André, e juntos elevaram suas súplicas diante da Santa Mártir e Grande Padroeira.



Apresentação da pequena Emília e encontro com o Psaltikon

No sábado, dia 30 de agosto, celebrou-se o piedoso Ofício de **Apresentação ao Templo**, no quadragésimo dia após o nascimento da menina Emília, primogênita do casal Humberto (Massimo) e Beatriz (Macrina).

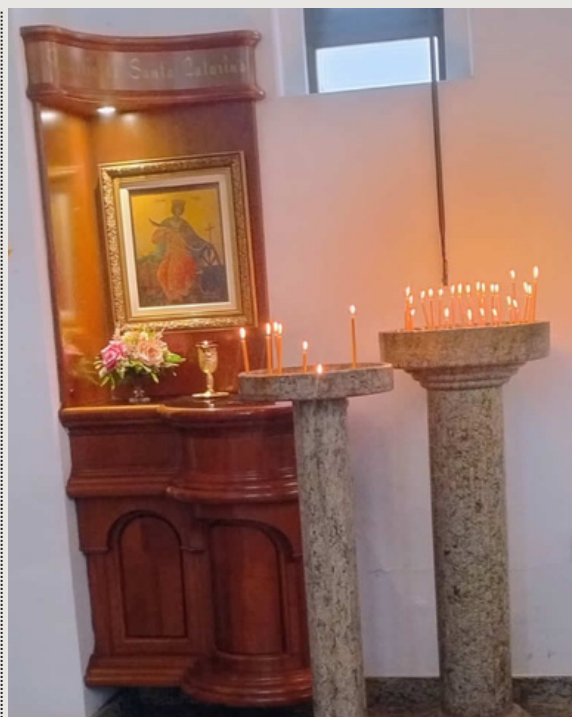


Após a celebração, realizou-se o ensaio do grupo *Psaltikon*, enriquecido pela presença de Lylia, que compartilhou conosco a sua vasta experiência no canto bizantino. O encontro concluiu-se com um breve e fraterno momento de convivência.

Celebração do Santo Cinto e Memorial pelo Sr. Iconomos Atherino e D. Paraskevi



No domingo, 31 de agosto, último deste mês, celebramos, juntamente com o XII Domingo do Evangelho de São Mateus, a solenidade da **Colocação do Santo Cinto da Santíssima Theotokos**. Foi um dia especial em que, pela primeira vez, ressoaram as vozes femininas no novo coro que vai se formando, ainda pequeno, com jovens de nossa comunidade, graças ao apoio de Lylia e, neste domingo, também com a presença de nossa querida Nicoleta.



Após a Divina Liturgia, realizamos um piedoso Ofício Memorial (Mnimósynon), por ocasião do 30º aniversário da páscoa para o Senhor do Sr. Iconomos Atherino e de sua esposa, a saudosa D. Paraskevi — pais de D. Maria, Evangelia, Christiane e Jorge. A celebração contou com grande participação de fiéis e a presença dos familiares.





“A piedade se aprende também com o olhar e com o coração: vendo, ouvindo, participando.”

A fé ortodoxa é rica em gestos, símbolos, atitudes e costumes que nos foram transmitidos ao longo dos séculos como expressão viva da sabedoria espiritual da Igreja. Para quem se aproxima agora da Ortodoxia — talvez após longa busca ou reencontro com as raízes da fé — muitos desses sinais podem parecer novos, estranhos ou até enigmáticos: o sinal da cruz, as velas acesas, o incenso que sobe, o jejum, o canto antigo, a reverência diante dos ícones, a disposição do templo, o modo de vestir...

Esta coluna foi pensada com carinho para acolher e orientar aqueles que desejam compreender melhor o que veem, ouvem e vivem na Divina Liturgia e no dia a dia da vida paroquial.

Em cada edição, abordaremos de forma breve e pastoral um aspecto do viver ortodoxo — não como um conjunto de regras frias, mas como uma educação espiritual que molda a alma, purifica o coração e nos introduz, pouco a pouco, no mistério da fé viva.

Nesta edição de setembro, começamos com algo tão simples e, ao mesmo tempo, tão profundo: Como fazemos o Sinal da Cruz? E por que ele é diferente entre os ortodoxos? São perguntas sinceras, que nascem do desejo de viver com profundidade a fé.

“A Tradição é a vida do Espírito Santo na Igreja”
(São João de Kronstadt)

O Sinal da Cruz

Gesto de Fé e Confissão

Muitos perguntam por que nós, ortodoxos, nos benzemos “ao contrário” em relação aos católicos romanos. Na verdade, não se trata de um gesto invertido, mas de uma fidelidade à Tradição viva da Igreja, conforme nos foi transmitida pelos Santos Padres.

Na Ortodoxia, o Sinal da Cruz é um ato sagrado, que une o corpo, a mente e o coração numa confissão visível de fé. Cada gesto carrega um profundo simbolismo teológico e espiritual.

Começamos por **unir os três primeiros dedos da mão direita** — símbolo da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Os dois dedos que permanecem encostados à palma representam as duas naturezas de Cristo — divina e humana — unidas em uma só pessoa.

Ao traçarmos o Sinal da Cruz:

- Tocamos a testa, dizendo: **“Em nome do Pai”** — proclamando que o Pai é princípio e origem, Criador do Céu.
- Tocamos o abdômen (ou peito), dizendo: **“e do Filho”** — lembrando que o Filho desceu até nós e Se fez carne para a nossa salvação.
- Tocamos o ombro direito, dizendo: **“e do Espírito Santo”** — pois o Espírito é a força viva que conduz à destra do Pai.

Por fim, levamos os dedos ao ombro esquerdo, completando a cruz sobre nós mesmos — sinal de que participamos no mistério pascal de Cristo e nos consagramos à vida da Trindade.



Esse gesto não é banal, nem mero costume cultural. É uma oração em forma de cruz, uma profissão silenciosa de fé, proteção e entrega.

Importa lembrar que, até o século XI, todos os cristãos — no Oriente e também no Ocidente — traçavam o Sinal da Cruz da mesma maneira que os ortodoxos o fazem ainda hoje.

“Que a cruz seja tua arma, tua fortaleza, tua coroa.” (Santo Efrém, o Sírio)



A DIVINA LITURGIA

Nesta seção, queremos mergulhar no coração da vida da Igreja: a Divina Liturgia. Aqui, a fé não é apenas ensinada, mas celebrada, vivida e transmitida. Com raízes apostólicas e florescida na Tradição dos Santos Padres, a Liturgia é o lugar onde o mistério da salvação se torna presença real, alimento e luz para o povo de Deus.

A DIVINA LITURGIA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

O Rito Bizantino: uma herança viva

O que chamamos hoje de rito bizantino não é apenas um estilo litúrgico, mas uma herança espiritual viva, nascida da fé apostólica e cultivada com sabedoria pelos santos da Igreja. Seu nome provém de Bizâncio, cidade fundada sobre o estreito do Bósforo, que viria a tornar-se Constantinopla, a Nova Roma, coração do Império Romano do Oriente. A partir do século IV, com o imperador Constantino e os grandes Padres — como São Basílio, São Gregório o Teólogo e São João Crisóstomo —, ali floresceu uma síntese admirável entre teologia, oração e beleza.

As origens desta Liturgia remontam à antiga tradição de Antioquia, onde São João fora ordenado, e receberam também contribuições da região da Capadócia, onde São Basílio Magno moldou uma versão mais extensa e profundamente teológica.

Ao longo dos séculos, com o prestígio de Constantinopla e o reconhecimento dos Concílios Ecumênicos — como o II Concílio (381) e o de Calcedônia (451) —, o rito ali celebrado se difundiu por todo o Oriente. Patriarcados como os de Alexandria, Jerusalém e a própria Antioquia adotaram-no integralmente. Hoje, mais de 200 milhões de cristãos ortodoxos e católicos orientais celebram a Deus segundo este rito.

Três expressões da Liturgia no rito bizantino

No calendário litúrgico bizantino, a Divina Liturgia assume três formas principais:

Liturgia dos Dons Pré-Santificados (Προηγιασμένων)

Celebrada durante os dias de semana da Quaresma (especialmente quartas e sextas), esta Liturgia não consagra os Santos Dons, mas oferece a Comunhão previamente consagrada. É um ofício austero, penetrado de recolhimento e esperança.

Liturgia de São Basílio Magno

Mais longa e profundamente teológica, é celebrada apenas dez vezes ao ano, em datas como o 1º de janeiro, durante os cinco primeiros domingos da Quaresma, na Quinta-Feira Santa, Sábado Santo, vésperas do Natal (24 de dezembro) e da Teofania (5 de janeiro).

Liturgia de São João Crisóstomo

É a forma mais comum e familiar da Divina Liturgia, celebrada na maior parte dos domingos e dias comuns do ano. Mais concisa que a de São Basílio, preserva porém toda a riqueza da teologia litúrgica e a força da tradição viva da Igreja.

UMA HERANÇA PARA O NOSSO TEMPO

Celebrar a Divina Liturgia não é apenas perpetuar um rito antigo, mas viver a eternidade de Deus no tempo. Como ensinava São Máximo o Confessor:

“A Liturgia é o ícone do mundo por vir”.

A Liturgia bizantina continua a falar ao coração do homem moderno, com sua linguagem simbólica, suas orações profundamente enraizadas na Escritura e seus gestos cheios de reverência. A cada Eucaristia, somos convidados, como os discípulos no caminho de Emaús, a reconhecer o Senhor ao partir do pão e a retornar à vida com o coração ardente.

Palavras da Tradição

Um glossário com a linguagem da fé ortodoxa

A vida da Igreja é tecida não apenas de celebrações e orações, mas também de palavras que carregam séculos de fé e cultura. Muitas delas soam novas ou pouco familiares para quem começa a participar da Liturgia Bizantina, mas cada uma guarda um significado profundo, fruto da experiência viva da Tradição.



Para esta segunda edição, reunimos alguns termos que você provavelmente já ouviu durante as celebrações ou leu em textos litúrgicos. Ao conhecer sua origem e sentido, podemos rezar e participar com mais entendimento e devoção. Que estas “palavras da Tradição” nos ajudem a viver mais plenamente o que celebramos, unindo o coração e a mente na glorificação de Deus.

“O que recebemos dos Santos Padres, guardemos com zelo e transmitamos com amor.”

1. Apolitíkion (ἀπολυτίκιον)

Hino cantado ao final das celebrações ou no Pequeno Isódico, resumindo o tema central da festa ou exaltando a vida do santo comemorado naquele dia.

2. Automelon (αὐτόμελον)

Hino que possui melodia própria. Na tradição litúrgica bizantina, serve como modelo melódico para outros hinos chamados prosômia (“semelhantes”), que seguem sua métrica e melodia.

3. Cânone (κανών)

Composição hinográfica formada, originalmente, por nove odes (geralmente oito, sem a segunda). Cada ode é precedida por um irmo e composta por vários tropários. O termo também significa norma disciplinar ou organizativa definida por um Concílio ou pela Tradição.

4. Catisma ou Kathisma (Κάθισμα)

Divisão do Saltério usada na Igreja Ortodoxa e nas Igrejas Católicas Orientais de rito bizantino. Cada catisma é subdividida em três partes chamadas estases (“de pé”), alternando leitura e cântico.

5. Diakonikón (διακονικόν)

Espaço no interior do santuário, à direita do altar, onde os celebrantes vestem seus paramentos e onde se guardam objetos litúrgicos.

6. Diskos (δίσκος)

Patena de base elevada, maior que a latina, usada para sustentar o “Cordeiro” (Amnos), as partículas e o asteriskos durante a Divina Liturgia.

7. Economia (οἰκονομία)

Aplicação flexível da lei canônica, guiada pelo espírito da norma, visando a salvação e o bem espiritual do fiel. Contrasta-se com a acríbia, que é a aplicação estrita da lei.

8. Ektenía (ἐκτενής)

Série de súplicas recitadas pelo diácono durante a Liturgia, às quais o povo responde “Kýrie eleison”. Pode ser “grande” ou “pequena” conforme o número de petições.

9. Filoxenia (φιλοξενία)

Virtude cristã da hospitalidade, de acolher e servir com amor, lembrada no ícone da “Filoxenia de Abraão”, que representa a visita dos três Anjos a Abraão e Sara.

10. Iconóstase (εἰκονοστάσιον)

Parede com ícones que separa o altar (vima) da nave. Na disposição tradicional:

- À direita da porta central, o ícone de Cristo.
- À esquerda, o ícone da Theotokos.
- Nas laterais, João Batista e o santo padroeiro do templo.

Acima, ícones dos Apóstolos, das festas litúrgicas e, no topo, a Crucificação ou a Última Ceia.

11. Ieratíkón (ιερατικόν)

Livro litúrgico que contém as partes do sacerdote e do diácono para as Liturgias de São João Crisóstomo, São Basílio e dos Dons Pré-Santificados, além das Vésperas (esperinós) e do Orthros.

Entrelinhas



Henrique Verçosa

Entrelinhas é a coluna mensal de **H. M. Verçosa**, autor do livro *As histórias que ouvi de um psicanalista*, que a cada edição nos convida a refletir sobre temas diversos — literatura, música, religião, psicologia e outros — sempre com um olhar sensível que une cultura e vida.

Zorba: o mito da liberdade grega

Pode-se dar como certo que a música grega mais conhecida, ao menos no Brasil, seja *Zorba*. Composta por Mikis Theodorakis para a trilha sonora do filme de 1964 *Zorba, o Grego* (Αλέξης Ζορμπάς), deu origem ao *sirtaki* (συντάκι), a dança popular que acompanha a cadência da música desde o seu lento princípio até o empolgante *gran finale*.

Mas quem foi Alexis Zorba, personagem encarnado no cinema pelo ator Anthony Quinn? O filme em questão foi inspirado no livro lançado em 1946 por Nikos Kazantzákis, *Vida e proezas de Aléxis Zórbas*, um texto de recordações escrito pelo co-protagonista, um intelectual de cerca de trinta anos, cujo nome não é revelado. Ele narra desde o encontro casual em que conheceu e contratou Zorba como supervisor de operários em uma mina de linhito adquirida na ilha de Creta até o final, que culmina com a separação de ambos após meses de convívio. O narrador transita entre as posições de patrão, admirador, discípulo e amigo de Zorba, enquanto descreve o próprio deslumbre pela vida ao ar livre, entremeado com o trabalho em um manuscrito sobre o pensamento de Buda.

A narrativa também envolve os habitantes da ilha, com destaque para Madame Hortense, uma velha francesa dona do bangalô que servirá de hospedagem ao patrão e a Zorba, de quem se tornará amante.

Se, por um lado, Zorba é apresentado como um idoso de 65 anos, de modos simples, sem recursos e vivendo de qualquer trabalho que consiga, por outro, revela-se dono de uma personalidade complexa, capaz de elucubrações filosóficas elaboradas e entremeadas de experiência de vida, para em seguida entregar-se a excessos hedonistas numa pretensa demonstração de liberdade. É também cético em relação à religião e até à existência de Deus, mas, conhecedor da tradição religiosa grega, não se furta a demonstrar o contrário. Aceita a morte como parte natural da vida e, por isso, vive intensamente o presente, sem se preocupar com o passado ou o futuro, aproveitando ao máximo cada momento, sem demonstrar temor.



No posfácio do livro, é revelado ao leitor que o macedônio Yióryis Zorbás teria sido a pessoa que inspirou Kazantzákis a criar o personagem que se tornou uma espécie de mito libertário e anárquico da primeira metade do século XX. O encontro teria ocorrido no sul do Peloponeso, e a mina, na realidade, ficava na Messênia.

Para além de qualquer debate moral que as ações dos personagens possam suscitar — em especial o Zorba de viés nietzschiano, possivelmente influenciado pelo objeto de estudos filosóficos do autor —, o fato é que a obra é uma celebração da amizade entre duas pessoas tão distintas quanto possível, e também uma exaltação da cultura grega e do modo de vida das pessoas comuns daquele período histórico na ilha de Creta.

Escrita com maestria por Nikos Kazantzákis (1883–1957) — escritor, jornalista, político, poeta e filósofo, indicado nove vezes ao Prêmio Nobel de Literatura —, a obra integra a produção de um autor cuja contribuição inclui ainda a tradução para o grego da Divina Comédia de Dante Alighieri.



Contos & Narrativas de Kastelórizo



Christina Efstratiadou

Nesta nova coluna partilharemos histórias tradicionais da **ilha de Kastelórizo**, recolhidas e narradas por **Christina Efstratiadou**. São memórias vivas do povo, transmitidas de geração em geração, que revelam a fé, a simplicidade e a beleza do cotidiano insular.

Publicadas originalmente pelo Sindicato dos Kastelorzianos em todo o mundo "São Constantino", estas páginas nos conduzem a um mergulho nas raízes helênicas, onde a tradição se torna alimento de identidade e esperança.

Prólogo

Conhecemos a senhora **Christina Efstratiadou** pelos seus preciosos poemas tradicionais sobre **Kastelórizo**. "Era uma vez", Atenas 1980 — nos versos dos quais guardou riquíssimo material popular e folclórico da nossa ilha, marcado por uma saudosa nostalgia. Ressaltei, em meu livro *A Cultura Popular de Kastelórizo*, edição do Sindicato dos Kastelorzianos no mundo inteiro "São Constantino", o valor de seus versos e fiz uso de alguns deles.

Agora, a mesma conterrânea reúne em um volume suas prosas narrativas, publicadas ao longo do tempo nas colunas do jornal local *Kastelorzianá Néa*, órgão do Sindicato. São textos que dão ainda maior relevo à vida popular de Kastelórizo, pois refletem fatos e costumes, usos e hábitos do cotidiano, em sua forma mais simples e viva. Não há artifício literário nem elaboração excessiva: apenas a genuína expressão do material popular.

Deste modo, o livro presta um duplo serviço: fornece elementos valiosos tanto aos estudiosos como aos leitores simples, entregando um material riquíssimo e completo, que revive a vida e os eventos de nosso pequeno e belo Kastelórizo. Em suas páginas ressurgem o "outro" Kastelórizo com todo o seu frescor e vigor: as festas, as pequenas e grandes ocupações, os ofícios, os tipos humanos e todo o amplo espectro do folclore da ilha, que cobre um espaço de extraordinária riqueza.

A Sra. Efstratiadou não faz literatura moralizante, como era comum a alguns autores mais antigos, que disfarçavam sua intenção em parábolas. Ela simplesmente descreve, sem retoques, o que viu e ouviu. Retrata a ilha, sem exageros, sem embelezamentos, sem artificialidades. Simples e verdadeiro. Não há dúvida de que todos os nossos conterrâneos irão encontrar nestas páginas lembranças ora ternas, ora melancólicas, de suas próprias vidas e tradições.

Este livro é também um testemunho para todos aqueles que, infelizmente, se perderam para sempre, e para os que virão depois de nós. É um convite para guardar, ao menos no coração e na memória, o papel e o legado dos antepassados. Um companheiro e manual, que conservará íntegros os traços de nossa pequena e grande pátria, conforme a expressão do professor D. Loukatos: "A força da pátria pequena é esperança criativa para o amanhã."

I. M. Chatzigiorgis



Fonte: Christina Efstratiadou, *Αφηγήματα και Ιστορήματα του Καστελλορίζου* (Contos e Narrativas de Kastelórizo). Kastelorzianaki Vivliothiki – Biblioteca Kastelorziana, nº 4. Edição: Sindicato dos Kastelorzianos em todo o mundo "São Constantino" (Σύνδεσμος τῶν Ἀπανταχοῦ Καστελλοριζίων "Ὁ Ἅγιος Κωνσταντῖνος").

Contos & Narrativas de Kastelórizo



Christina Efstratiadou

Nove dias no Paliókastro

Dias do mês de agosto, tempo do *Dekapentávoustos*, particularmente doces com as belas e comoventes súplicas dirigidas à Mãe de Cristo.

“Concordamos de novo?” — dizia Maria. “Andréa, Chryssí e Anastassía, vizinhas todas, vamos fazer o *enníamera* para a Panaghía do Paliókastro, que era dedicada à Dormição da Theotokos. Com alegria, sobretudo as meninas que iam partir em viagem, com a bênção da Mãe de Deus, aceitavam com gratidão.

As crianças brincavam em volta, os homens que trabalhavam no campo descansavam, outros que vinham de fora participavam também, e todos encontravam ocasião para unir suas forças e tornar-se companheiros. Era o momento da refeição comunitária, onde todos se alegravam juntos, e sobretudo da noite, quando diante da Panaghía ressoava o cântico: “*Alegra-te, cheia de graça, Maria, o Senhor é contigo.*”

As nove noites se passavam em vigílias na Panaghía do Paliókastro ou noutras igrejinhas, como a de São Pantelêimon, do Profeta Elias, da Santa Trindade, para que nenhum santo ficasse esquecido. Havia ali um esforço simples, devoto, uma doação de pessoas que, sentindo o peso da vida, recorriam ao essencial, aquilo que mais sustentava a existência.

Na Panaghía do Paliókastro, então, foi decidido que o grupo iria servir a Deus com as orações.

O sacerdote era o Papá Sofrônios, que, em vez de se recolher após o fim do trabalho no moinho, preferia tomar o *rakí* que lhe ofereciam as mulheres, enquanto os homens, também presentes, bebiam e depois se sentavam em roda, esperando ouvir alguma palavra do Papá.

O velho sacerdote, homem de idade já avançada, apesar de não gostar do *rakí*, não deixava de aceitá-lo, dizendo que se alegrava em edificar a todos, pois assim o queria Deus. Os homens o provocavam para que contasse algo divertido. E então, Papá Sofrônios, lembrando-se de uma história verdadeira, contou:

“Havia um padre, já idoso, que perdera a visão e tinha de ser conduzido por uma criança para celebrar. Certa vez, subindo ao altar da pequena igreja, pediu ao menino que lhe apontasse a lamparina. ‘Está acesa?’, perguntou. ‘Está’, respondeu a criança. ‘E a vê diante do ícone de São João?’ ‘Vejo’, disse o menino. Então o padre, cheio de ternura, proclamou: “*Amém!*” — e acrescentou: ‘Se a criança vê a luz, também eu a vejo no coração, e o Senhor recebe como verdade o sacrifício de meu pobre coração.’”

Todos escutavam em silêncio e riam de alegria. Mas havia também um tom sério e instrutivo. O Papá, sem adornos, transmitia a fé viva.

O sol já havia descido bem no horizonte, o poente tingia de púrpura o céu e a brisa suave envolvia a ilha. As crianças corriam, enquanto os sinos das igrejinhas ressoavam ao longe. O Papá encerrava o ofício, trancava a pequena igreja, e as famílias retornavam. O porto brilhava, e as montanhas da Mícrasia, ao longe, se tornavam douradas com a última luz. Era um quadro de paz: a alma dos homens, naquele instante, tornava-se tranquila, e um saudava ao outro com alegria antes de seguir para casa.”

Próximos contos

- Εννιάμερα στο Παλιόκαστρο (Novena no Velho Castelo)
- Χριστούγεννα (Natal)
- Η Παναγιά του Χωραφίου (Panaghia do Campo)
- Ένα κοριτσάκι θυμάται (Uma menininha lembra)
- Τα προσκυνήματα (As peregrinações)
- Τα σπίτια μας (Nossas casas)
- Τα παθήματα μιας μικρούλας στην εβδομάδα των παθών (Os sofrimentos de uma pequenina na Semana da Paixão)
- Οι μαργαρίτες (As margaridas)
- Οι γιάτρισσες (As enfermeiras)
- Οι μετανάστες (Os migrantes)
- Οι καλατσangariές (As Kalatsangariés – termo local usado no original)
- Τα σκουλαρίκια (Os brincos)
- Ο Αφύλακας (O Desprotegido)
- Η κόκκινη ομπρέλα (O guarda-chuva vermelho)
- Το φίδι (A cobra)
- Μια ιστορία (Uma história)
- Πρόσωπα της πατρίδας μας (Figuras da nossa pátria)
- Ο Αναστάσης ο φαρμακοποιός (Anastásis, o farmacêutico)
- Βαρθολομαίος Κοντός (Bartolomeu Kondos)
- Ηλίας Γ. Φτουράς – Ένας Παπαδιαμάντης του νησιού μας (Ilías G. Ftourás – Um Papadiamantis da nossa ilha)
- Γυναίκες του νησιού μας (Mulheres da nossa ilha)
- Η Πούλα Παπαδιά (A Poula Papadia)
- Μνήμες καλοκαιριού (Memórias de verão)



Receitas do Kalimera



Sabores da tradição grega em nossa mesa

No aroma de um prato que nos reúne, vivem histórias, afetos e tradições. É com emoção e gratidão que reabrimos uma página do Kalimera de outubro de 1997 para trazer de volta duas preciosidades culinárias — enviadas à época por nossa saudosa e amada **D. Catarina Apostolo C. Comninós**, mulher de fé, alegria e mãos abençoadas.

Compartilhamos aqui as receitas que ela nos deixou como herança de sabor e carinho: o Youvarlákia Avgolemono, prato reconfortante que aquece o corpo e a alma, e os Loukoumádes, doces que perfumam a casa com mel e memória.

Mais do que ensinar a cozinhar, D. Catarina nos ensinava a amar — pela mesa posta, pela partilha generosa, pelo sorriso que acompanhava o “Kali Orexi!”.



YOUVARLÁKIA AVGOLEMONO - Almôndegas gregas em caldo de limão e ovos

Ingredientes:

- 1 kg de carne moída
- 2 xícaras de arroz
- 2 cebolas médias raladas
- 1 colher de sopa de farinha de trigo
- Suco de 2 limões
- 2 ovos
- Sal e pimenta a gosto
- Caldo de carne (aprox. 2 litros)

MODO DE PREPARO:

Em uma tigela, coloque a carne moída, as cebolas raladas, o arroz cru, o sal, a pimenta e a farinha de trigo. Misture bem até obter uma massa homogênea. Modele bolinhos pequenos com as mãos (youvarlákia).

À parte, aqueça cerca de 2 litros de caldo de carne em fogo médio. Quando começar a ferver, adicione cuidadosamente os bolinhos e cozinhe em fogo médio. Não mexa com colher para não desmanchar.

Enquanto cozinham, prepare o avgolémono: bata as claras em neve, junte as gemas e, por fim, o suco de limão. Quando os bolinhos estiverem cozidos, desligue o fogo. Retire uma concha do caldo quente e adicione lentamente à mistura de ovos e limão, mexendo sem parar (para temperar os ovos). Em seguida, despeje esta mistura de volta na panela, mexendo com cuidado.

Atenção: o avgolémono não deve ser fervido para não talhar. Sirva imediatamente.



LOUKOUMÁDES - Bolinhos fritos com mel e canela

Mais uma deliciosa receita resgatada das edições antigas do nosso boletim Kalimera. Trata-se de uma sobremesa simples e saborosa, ideal para os dias quentes — e muito apreciada em encontros familiares ou paroquiais. Que seu preparo seja ocasião de partilha e alegria!

Massa:

- ½ kg de farinha de trigo
- 2 colheres de sopa de fermento biológico
- 1 pitada de sal
- Um pouco de açúcar
- Água morna quanto baste

Calda:

- 2 xícaras de mel
- 1 xícara de açúcar
- Água
- Canela em pó para polvilhar
- Óleo para fritar

MODO DE PREPARO:

Dissolva o fermento em um pouco de água morna, junte o sal e uma pitada de açúcar.

Quando espumar, adicione o restante da farinha e mais um pouco de água morna, misturando com as mãos até formar uma massa bem mole e elástica.

Cubra com um pano e deixe crescer até dobrar de volume.

Aqueça bastante óleo em uma panela. Com uma colher untada em água ou óleo, retire porções da massa, formando pequenos bolinhos, e frite até dourarem. Retire com escumadeira e escorra em papel absorvente.

Para a calda:

Leve ao fogo o mel, o açúcar e um pouco de água, mexendo até formar uma calda brilhante.

Mergulhe os loukoumádes na calda ainda quente e polvilhe com canela antes de servir.

Kali Orexi! (Bom apetite!)

Você sabia?



Curiosidades que atravessam os séculos e surpreendem

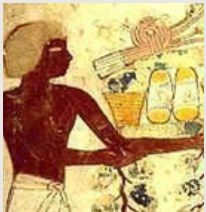
Pequenos fatos, tradições e saberes — alguns sagrados, outros simplesmente curiosos — que revelam a beleza escondida nas coisas simples. Nesta seção, deixamo-nos surpreender pelas conexões entre fé, história e cultura.

Por que a aliança de casamento é usada no quarto dedo?

Segundo uma tradição antiga, acreditava-se que uma veia conectava diretamente o dedo anelar ao coração — por isso, esse dedo passou a simbolizar o amor conjugal e eterno.



O mel é o único alimento que não estraga.



Arqueólogos encontraram potes de mel nas tumbas dos faraós egípcios com milhares de anos — e ainda estavam próprios para o consumo. Graças às suas propriedades naturais, o mel é resistente ao tempo e à ação de microrganismos.

Na Grécia Antiga, o azeite tinha muitos usos — inclusive curiosos.

Entre algumas famílias, especialmente as de maior prestígio, era comum banhar os recém-nascidos em azeite de oliva. Acreditava-se que isso contribuiria para que permanecessem calvos ao longo da vida — um ideal de beleza masculina à época.



Ketchup medicinal?



Em 1834, o ketchup era vendido em pílulas e indicado para tratar diarreia e icterícia. Na época, acreditava-se em suas supostas propriedades curativas.

O sanduíche e o jogo de cartas

O famoso sanduíche não foi invenção direta de Lord Sandwich, mas nasceu por causa dele: foi criado para que pudesse comer sem interromper suas partidas de cartas — e sem sujar as mãos.



Anastenária:

caminhar sobre brasas pela fé



Na vila grega de Agia Eleni, todos os anos em 21 de maio, devotos caminham descalços sobre brasas incandescentes durante o ritual da Anastenária, em honra aos santos Constantino e Helena. Com ícones nas mãos e fé no coração, atravessam o fogo sem se queimar — um gesto ancestral de confiança na graça divina.

Cédulas não são de papel

Ao contrário do que muitos pensam, as notas de dinheiro não são feitas de papel. Sua composição é cerca de 74% algodão e 25% linho, o que lhes confere resistência e durabilidade.



A origem da “lua de mel”

Na Babilônia, há cerca de 4.000 anos, era costume o pai da noiva oferecer ao genro, durante o primeiro mês após o casamento, um licor de mel chamado hidromel (cerveja com mel). Como o calendário era lunar, esse período passou a ser chamado de “lua de mel”.



Fonte: sansimera.gr



Prometeu: o portador da chama e a liberdade do espírito

Neste artigo, retomamos a figura fascinante de Prometeu, o titã que, movido por compaixão pelos mortais, rouba o fogo divino e o entrega à humanidade. Este ato, interpretado como símbolo do despertar da razão e da civilização, também trouxe punição: acorrentado por Zeus a uma rocha, Prometeu é condenado a ver seu fígado devorado por uma águia a cada dia.

A reflexão propõe uma leitura simbólica e crítica, destacando os paralelos e contrastes com a fé cristã:

- O fogo como símbolo da consciência, da arte e da liberdade.
- A tensão entre dom gratuito e transgressão orgulhosa.
- A imagem de Prometeu como um tipo de “sofredor justo”, mas incompleto diante de Cristo, o verdadeiro doador da Luz, que se entrega não por desobediência, mas por amor.

A chama roubada do céu acendeu a consciência dos mortais.

Entre os muitos mitos da Grécia antiga, poucos provocaram tanta admiração e reflexão ao longo dos séculos quanto o de Prometeu, o titã que ousou desafiar os deuses em favor da humanidade. Conta-se que, ao ver os homens em condição miserável — sem fogo, sem arte, sem memória — Prometeu roubou a chama sagrada do Olimpo e a entregou aos mortais, abrindo-lhes o caminho da civilização. Como castigo, Zeus o condenou a ser acorrentado a uma rocha, onde uma águia lhe devorava o fígado diariamente, regenerado a cada noite. Assim ficou, por eras, como símbolo da dor, da resistência e da ousadia do espírito humano.

Filósofos, poetas e artistas viram neste mito uma imagem da liberdade da consciência, da busca pela verdade e do preço da lucidez. Prometeu é figura de rebelião criativa, de alguém que paga o preço por doar algo essencial.

Contudo, numa leitura cristã mais profunda, o fogo roubado — por mais nobre que pareça — permanece limitado: é fruto da transgressão e carrega a marca da separação.



O fogo de Prometeu ilumina, mas também consome. Liberta, mas não redime.

Na fé cristã, o verdadeiro doador da luz não a toma à força, mas a entrega de Si mesmo. Cristo, o Logos encarnado, “é a Luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1,9). Não vem como um ladrão da chama, mas como Filho obediente, oferecendo-Se por amor. Sua cruz é a verdadeira rocha — não de castigo, mas de salvação. Enquanto Prometeu sofre sem cessar por um bem incompleto, Cristo sofre por todos e vence a morte com poder e humildade.

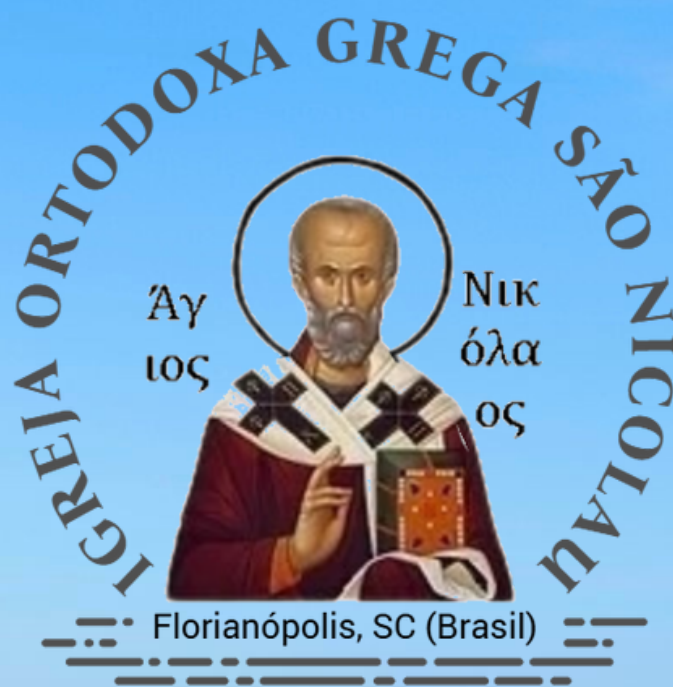
A tradição patrística nos ajuda a compreender essa diferença. São Gregório, o Teólogo, escreve:

«Οὐδέν γὰρ ἡμῖν ἐστὶν ἴδιον, οὐδὲ τὸ φῶς· πᾶν δῶρον ἐστὶν ἄνωθεν, καὶ λαμβάνεται οὐκ ἀρπάζεται.»

“Nada é verdadeiramente nosso, nem mesmo a luz; tudo é dom que vem do alto, e recebe-se com gratidão, não se toma por força.” (Oratio 40, In Sanctum Baptisma)

Assim, o mito de Prometeu, lido à luz da fé, nos recorda a sede humana pela luz — mas também aponta para a necessidade de recebê-la com humildade e gratidão, como se recebe o dom do Espírito Santo na Unção Crismal, ou a chama viva da fé que arde nos corações daqueles que amam a Deus.

Que possamos, como Prometeu, desejar ardentemente a luz — mas como cristãos, buscá-la não por conquista, mas por comunhão.



Καλό μήνα
Bom mês